

**BENFICA-SPORTING**  
no Vale do Jamor

Juca, que jogou primorosamente, todo no ar, em posição estranha mas a que não falta beleza, disputa a bola por alto, contra Moreira, o esforçado médio do Benfica, que encontra ainda a oposição de Pacheco. Ao lado, vê-se Jacinto. Todos os jogadores cumprem o seu dever



**Stadium**

**N.º 407**

20 de Setembro de 1950

Preço 2\$50

# O SPORTING DÁ UM PASSO EM FRENTE E DEIXA UM GOSTO QUE DEVE INFLUENCIAR A PROVA

Crónica de TAVARES DA SILVA

**O**s campeonatos distritais morreram definitivamente. Já não nos parece possível, agora, seja qual for o medicamento, ressuscitá-los. Na época transacta ainda se lhes deu uma injeção reanimadora, mas desta vez encarou-se o problema de forma radical. Abandonando-se a política de panos quentes, adoptou-se uma solução, não querendo nós discutir, se boa se má, antes a tendência é manifesta para o segundo caminho. Será agora muito difícil, talvez mesmo impossível, erguer uma Prova que a Associação de Lisboa defendeu pondo o seu corpo à frente, mas que as outras Associações, verdade seja, de todo rejeitavam.

Começou, portanto, o Campeonato da Primeira Divisão que, logo na primeira jornada, forneceu resultados de desnível certamente indicadores de que haverá esta temporada altos e baixos, saindo de onde menos se espera a surpresa. O conjunto dos resultados é o seguinte:

Benfica 1 — Sporting 3  
 Olanhense 4 — Atlético 1  
 Boavista 1 — Braga 2  
 Guimarães 2 — Porto 2  
 Estoril 5 — Covilhã 0  
 Belenenses 2 — Setúbal 0  
 Académica 5 — Oriental 0

Nada se poderá dizer de definitivo, pelo menos, para quem for sensato e não goste senão das opiniões cimentadas de bom raciocínio ou de inteligência esclarecida, acerca do apuramento de forma determinado pela maioria das equipas. Tenhamos em vista que algumas delas nem sequer têm estrutura ainda definida. Os seus orientadores andam às apalpadelas.

Em todo o caso, a primeira jornada faz mais uma vez vir ao de cima o velho princípio de que todos os encontros na casa do antagonista são muito difíceis. Um mais forte que se vai bater contra um mais fraco no lar deste deverá ter os maiores receios de perder — que é afinal a melhor maneira de ganhar. O que se passou quanto a várias equipas é deveras sugestivo e não dá margem a dúvidas. Duas equipas lisboetas foram perder nas suas deslocações e por margem suficiente para não haver justificação. O Atlético, por exemplo, começou com o pé esquerdo... Cotado como um dos melhores representantes de Lisboa, a cidade da supremacia, succumbiu em Olhão por números assás desnivelados. Dá que pensar o fraco rendimento dos teams ao deixar a sua habitação. O Olanhense assenta mais ou menos na mesma formação, introduzindo-lhe forças das alterações. Estamos em crer que o resultado de abertura há-de influenciar fortemente o conjunto que é hoje o único representante algarvio.

Já quanto ao Oriental e ao seu

valor se podem pôr fortes reservas. A equipa não dá mostras de progredir, revelando grandes falhas no seu sistema. Acentuou-se na devida altura que os teams não podem viver exclusivamente da energia e boa vontade dos seus elementos. É muito diverso o esforço desenvolvido pelo jogador quando executa uma jogada em *souplesse* e o que sucede quando esta se executa em força e à custa de nervos.

O panorama do Oriental é tanto mais carregado quanto é certo que a Académica atravessa crise evidente na sua formação defensiva, o que há-de ressentir-se no futuro. A linha dianteira comporta-se bem, mas as deficiências da defesa ultrapassam a média do aceitável.

Os dois clubes lisboetas que não saíram de sua casa averbaram duas vitórias. O Estoril continua a mostrar-se um adversário perigoso, parecendo-nos que dará algumas amarguras ao campo da Amoreira aos mais fortes. Os homens do Estoril são todos nomes conhecidos, continuando a manter o mesmo sistema. Um ou outro que emigrar não conseguiu deixar uma lacuna sem preencher. Covilhã, pelo contrário, acusa a renovação da sua linha e paga o tributo. Ainda não se conseguiu melhor fórmula de arranjar uma equipa de categoria, mesmo que algumas unidades sejam sofríveis, sem manter a mesma composição durante um certo tempo, maior ou menor conforme a aptidão dos seus componentes.

O Vitória de Setúbal foi o que pode classificar-se uma equipa de rara energia. Lutou do princípio ao fim, com vigor e entusiasmo, procurando fazer a vida cara ao Belenenses, mas teve a desdita de defrontar um grupo que está a organizar-se em base racional de futebol, procurando aproveitar ao máximo os recursos das suas unidades.

Dizem-nos pessoas esclarecidas que assistiram à partida que o onze de Belém executou uma partida primorosa no que respeita ao sentido de colocação dos seus homens e ao jogo de conjunto. Os novos interiores conseguiram uma exibição de inteira satisfação para todos os belenenses. Bom sinal, sem dúvida.

O rendimento lisboeta na primeira jornada, mesmo assim, foi superior ao dos representantes do Porto. Já tínhamos surpreendido a deficiência de ajustamento dos boavistas, com unidades habilidosas mas a jogarem de maneira impossível, para não nos causar estranheza o que se passou. Foi afinal o único team que perdeu em casa, não tendo grande valor o mérito de entrar em linha de conta com a Sorte e o Azar. Braga bateu-se com magnífica energia, mas o seu futebol já tem alicerces científicos, pelos vistos, para conseguir medida razoável

de jogo. Temos referido bastantes vezes que mal estão as equipas quando confiam na coragem dos seus componentes, não lhes dando ordenação técnica. Certamente, tais onzez conseguirão bons resultados mas aos poucos virá ao de cima a qualidade técnica.

O Porto teve a sua primeira saída e arrancou o empate num rectângulo onde os mais fortes têm escorregado.

Ainda não vimos o team em acção, e com muita pena não podemos pronunciar-nos, em consciência. Mas é notória a tendência para o apuramento, ao mesmo tempo que a estrutura se fortifica com o alinhamento de uma das melhores unidades que conhecemos e que tivemos a honra de escolher como internacional. Se é possível ao crítico deixar-se penetrar pelo sentimento, cabe-nos afirmar que tomamos parte na alegria que Araújo deve ter sentido ao voltar a envergar a camisola das listas azuis-brancas. Não temos vergonha em afirmar que, ao sabermos da grande novidade, ficámos emocionados, lembrando, por um fenómeno psíquico, várias das suas jogadas magistrais em partidas que tivemos a honra de orientar. Desafios que ainda hoje recordamos com muita sensibilidade.

Sabemos que o Vitória de Guimarães luta com extremas dificuldades pelo número reduzido de jogadores, principalmente, mas este resultado vem dizer-nos, de novo, que se trata de um team cuja participação não deverá ser encarada como mera formalidade. E deste modo chegamos ao Benfica-Sporting do Vale do Jamor, o desafio a que assistimos.

**V**AMOS, portanto, respigar algumas notas positivas dessa partida que consideramos admirável, atendendo ao período em que se disputou, originando uma bela vitória e uma honrosa derrota.

Benfica apresentou uma formação tentada em terras africanas, mantendo intacta a maravilha da sua defesa e incluindo um novo interior na dianteira desfalcada com a falta de Rogério, magoado. Já no Sporting as modificações se apresentaram mais profundas, havendo alterações em todos os sectores.

A velocidade dos extremos do Benfica, de início, causou arrependimentos aos sportinguistas. É da condição moderna do jogo pontos muito rápidos, e este requisito possuem as asas dos encarnados. O Sporting respondeu com lances pelo centro do rectângulo, não destoando o novo centro-dianteiro do futebol dos seus camaradas do lado. Na organização verde-branca salientam-se vários desníveis, mas várias trocas de Caldeira com Canário, ou vice-versa, dizem-nos alguma coisa sobre a organização ténica.

Aos 12 minutos deu-se uma jogada de «penalti», pelo derrube de Corona feito por Passos e Juvenal, marcado vitoriosamente pelo jovem Teixeira. No entanto, o futebol desenvolve-se com domínio sportinguista para se transformar em futebol nivelado até à meia-hora. O sistema de ataque sportinguista começou a claudicar pela maneira confusa do jogo dos interiores, o que não quer dizer que não se trate de homens de elevada envergadura. Tanto Vasques como Travassos adiantavam-se demasiadamente com a bola nos pés, tornando confusos lances simples, pois os defesas benficus recuavam somente até o risco necessário e aí aguardavam, unidos e bem coordenados, as investidas leoninas. Estas perdiam-se nove vezes em dez. A toada de nivelamento manteve-se, porém, até o intervalo, registando-se alguns remates de ambos os lados que serviam apenas para fazerem brilhar os guarda-redes. É maravilha para estes quando têm remates de longe ou bem intencionados. O Sporting perdeu no fim desta parte a melhor oportunidade de igualar.

Na segunda parte começou a verificar-se com mais intensidade o domínio dos leoninos. Félix, enfiando uma bola nas balizas, ao recolher mal um centro de Martins, deu a indispensável tranquilidade ao team leonino. E o empate estava feito, e deste ao triunfo era um passo.

O Benfica estremeceu e deu-nos depois a conhecer a sua extraordinária fibra, lançando-se no futebol ofensivo com ganas de solucionar o problema. Foi nessa altura que os *leões* revelaram com nitidez a sua estrutura técnica. O grupo aceitou os acontecimentos sem pestanejar, e no terminar da tempestade iniciou o movimento gerador da vitória. Tudo ao ataque!

A defesa benfica, ante a impossibilidade de vencer e sentindo-se entregue aos seus próprios esforços, pois o ataque não auxiliava a sua função, deixou-se por fim enleiar em termos de desorientação. Neste trecho final da partida, houve uma só equipa no terreno traçando movimentos puros de combinação admiravelmente concebidos e realizados. Passara o período de acabrunhamento do centro-dianteiro, e este resolvia-se a colaborar em várias jogadas mestras que se desenvolveram. O fruto não podia ser melhor: dois golos. O seu perfume deve fazer sentir-se na competição agora iniciada, a qual certamente nos reserva muita fantasia. Quanto mais, melhor!

Série II — Ano VIII — N.º 407  
 Lisboa, 20 de Setembro de 1950

**Stadium**  
 REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
 RUA DA ROSA 252-1.  
 Telefone: 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS  
 Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
 EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



SPORTING, 1 — ZIDENICE, 1 (20/12/1935) — A turma leonina: Em pé, da esquerda para a direita: Soeiro, Jaguaré, Vianinha, Jurado, Pireza, Mourão, Serano e Raúl Silva; de joelhos: Manuel Marques, Galvão, N. N., Rui Araújo, Dyson, Alcobia e Lopes

Esta a brilhante carreira de

## MANUEL MARQUES

que ele contou e Pitta Castelejo escreveu

(CONTINUAÇÃO)

Manuel Soares Marques, que no mundo da bola se popularizou pelo tratamento familiar de Manecas, começou a jogar com uma bola trapeira, aos 13 anos! Ele e um grupo de rapazes da mesma idade, davam largas ao seu entusiasmo num vasto terreno situado para as bandas do Campo Grande. Cedo porém, reconheceram a necessidade de ir mais longe, e assim, quotizaram-se e adquiriram uma bola das grandes, a «séria», fundando de seguida um grupo que se denominou Desportivo do Campo Grande.

A mocidade e o jeito dos castrais levou-os a disputarem desafios com outros grupos, não tardando que as taças, os bronzes e os objectos de arte em disputa, fossem por eles arrebatados. Torneio onde entrasse o Desportivo, já se sabia quem ganhava. Faziam parte da equipa, entre muitos outros, Armelim, José Alcobia, Pedro Costa e Júlio de Almeida, que mais tarde ingressaram em clubes de primeira grandeza, como o Benfica, Sporting e Belenenses. Manuel Marques, devido à sua pouca idade, só jogava uns encontros por outros. Como quase todas as pugnas eram travadas no campo das FONSECAS, — de gratíssimas recordações, após o desafio se a vitória havia sorrído, organizavam uma marcha, ruidosa e cantante, que até ao Campo Grande, ostentando de forma bem visível o troféu ganho, não parava de dar vivas ao clube e aos miúdos jogadores.

O jeito e a habilidade do neófito Manecas começou a dar nas vistas e um gaiato seu amigo, de nome José Abreu, mais conhecido pelo «Padeirinho», que alinhava nos infantis do Sporting,

desafiou-o para ir treinar no campo dos «leões». Submetido a «exame» pelo treinador húngaro John, não desiludiu, mas como o campeonato infantil estava prestes a atingir o seu termo, só poderia alinhar na época seguinte, altura em que devia comparecer de novo. As palavras entraram-lhe por um ouvido e saíram por outro. Não mais pensou no caso, continuando a dedicar todo o interesse ao quase invencível Desportivo do Campo Grande.

Não desistiu, porém, o persistente Abreu, que na temporada de 1932/33, lhe recordou ser chegado o momento de voltar a treinar no Sporting. Muito instado, lá foi, tendo mostrado as suas «habilidades» perante o húngaro Jeny, então o treinador das equipas leoninas. De tal forma agradeu, que o examinador lhe deu 2\$50 para tirar as fotografias nos Restauradores. Mas, o endemonhado garoto, ao ver-se com o dinheiro, não resistiu à tentação de o empregar em um bilhete, para assistir a uma sessão de cinema. A película era daquelas que fazem o encanto da miudagem... Sem dinheiro e sem retratos, só havia um caminho a seguir: não aparecer mais no Sporting. E se bem o pensou, melhor o fez.

Sabedor do que se passara, o bom do «Padeirinho», não hesitou em contar tudo a Mr. Jeny. Este achou graça à criança e pediu, com insistência, para que Manecas voltasse. Com fundado receio o nosso «herói» apresentou-se a um novo treino. Findo ele, assinou a ficha que o havia de ligar ao Sporting, não só naquela época, mas durante os 18 anos da sua magnífica carreira que vai terminar no próximo dia

# ESCOLA ACADÉMICA

A mais antiga escola particular do País — Fundada em 1847 — Condecorada com o grau de comendador da Ordem da Instrução Pública

## INTERNATO-EXTERNATO

PALÁCIO CONDES DE PINHEL — L., do Conde Barão, 47

## CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

(Liceal, Comercial, ciclo preparatório e instrução primária)  
SEXO MASCULINO

5 de Outubro. O seu primeiro cartão de jogador, foi assinado pelo director-secretário da A. F. L. sr. João Carvalho dos Santos. Coube-lhe o número de jogador, 15.073, nessa já recuada época de 1932-1933!

### 25 minutos na categoria principal convenceram o pai a deixá-lo jogar!

Escolhido para ocupar o lugar de defesa esquerdo, participou em três prélios, marcando excelente presença. A sua intuição, voluntariedade e alegria, fizeram com que o treinador e os dirigentes o rodeassem de um carinho particular. Entretanto, a turma principal disputaria um desafio contra uma selecção brasileira da qual faziam parte jogadores famosos, como Leonidas, Patesco, Carvalho Leite, Waldemar, Luizinho, Canalli, Roberto Pedrosa, Sílvio, Luís Luz, Ariel e Martin (cap.) Seria oportuno, integrar na categoria de honra, ao lado dos consagrados, entre eles Mourão, Pireza, Soeiro, João Cruz, Rui Araújo, Abelhinha, Jurado e Faustino, o jovem Manuel Marques, um principiante que sómente dera provas em três encontros? O incentivo, valia o risco. De resto, em qualquer altura podia ser substituído. Manecas jogou durante 25 minutos, portando-se de acordo com as esperanças nele depositadas. Esta proeza não é vulgar e por isso mesmo não podia ficar sem registo.

O pai era avesso a que o filho jogasse a bola, obrigando-o a servir-se de vários ardis para levar por diante o seu propósito. E, não foram poucas as vezes que o rapazinho, após um desafio, recebeu reprimendas e alguns fortes bofetões. A mãe, uma santa senhora, era a boa fada que intervinha com oportunidade, aquietando o ânimo do marido.



Manuel Marques, envergando a antiga camisola dos «leões». De notar, que não falta o insepárrivel lenço branco.

Ao encontro entre o Sporting e a Selecção brasileira, quem havia de assistir? O Marques, pai. Decorria o desafio, como é de uso, quando a certa altura o jogo foi interrompido. Um homem saiu e outro entrou. Este, um garoto que trazia um lenço branco preso aos calções e se foi postar no lugar de interior-esquerdo. Recomeçado o jogo, um amigo de Marques, pai, perguntou-lhe de súbito: Conheces o jogador que acabou de entrar? O interpelado concentrou toda a atenção no alvejado e daí a instantes respondeu lacónicamente: Parece que é o finório do meu filho Manecas. Com uma gargalhada, o amigo confirmou, exclamando: É ele mesmo sem tirar nem pôr!

(Continua no próximo número)

## ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

SUCESSO FORMIDÁVEL DO

## TRIO BARSÍ

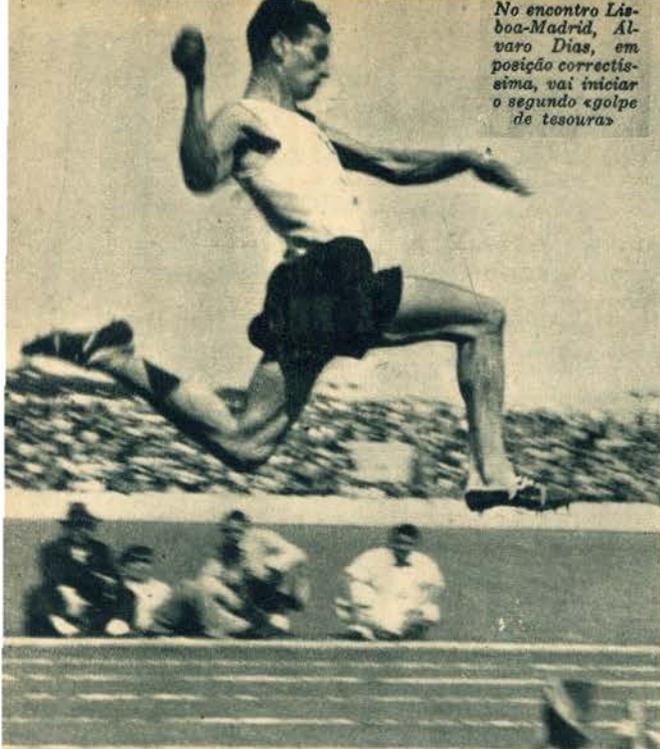
ÉXITO GRANDIOSO DO

## BALLET HELLÍOS

Rosário Guerra ★ Rosa Estrela em bailes à guitarra

Mary Mely — Rosita Malaga — Olga Miranda — Perla Levante — Mary Arilla — Mariessa Mar — Ana Maria — Pepita Alba — Maria Helena Lladós

DUAS ORQUESTRAS NOTURNOS e ARCADIA



No encontro Lisboa-Madrid, Alvaro Dias, em posição correctíssima, vai iniciar o segundo «golpe de tesoura»

OS CAMPEONATOS EUROPEUS DE ATLETISMO

## ALVARO DIAS

«INTERNACIONAL» BRILHANTE, REVELOU-NOS COMO DECORREU A SUA ACTUAÇÃO, APEÇOU O COMPORTAMENTO DOS OUTROS PORTUGUESES E AFIRMOU QUE OS ATLETAS NACIONAIS PODEM COMPETIR COM MUITOS ESTRANGEIROS

**A**INDA não esqueceu, nem esquecerá tão cedo, o brilhante comportamento de Alvaro Dias, nos Campeonatos Europeus de atletismo, recentemente efectuados na Bélgica. E dizemos comportamento brilhante, com inteira justiça, porquanto a marca de 7,32 metros alcançada pelo valoroso atleta lusitano, no salto em comprimento das eliminatórias, não foi ultrapassada na final. A classificação obtida, um quarto lugar, não deslustra o representante de Portugal, que só por um golpe de infelicidade, não se firmou na posição de vencedor absoluto, ou em lugar mais consentâneo com o seu real valor.

De todos os portugueses que se deslocaram, foi o magnífico saltador leonino, aquele que mais se distinguiu e melhor soube honrar o desporto da nossa terra. A imprensa belga e francesa não deixou de lhe render os mais líssongeiros encômios e de realçar a manifesta inferioridade física em que se apresentou na final. Antes, havia indicado o português como um dos favoritos, após a efectivação da eliminatória.

Impunha-se ouvir as suas apreciações. Sabedores de que após a chegada a Lisboa se apressara a partir para a Figueira da Foz, — a sempre maravilhosa e acolhedora praia, — terra da sua residência, não hesitamos. E, Alvaro, com manifesto prazer, aquiesceu em falar para a *Stadium*, começando por agradecer as deferências com que sempre me têm distinguido na vossa conceituada revista de que sou constante leitor.

Antes de começar a narrativa compre-nos dizer que Alvaro Pi-

res Dias, tem 27 anos, representando desde os 19 o Sporting Club de Portugal, o único clube que conheceu e conhecerá até ao fim da sua carreira. Já por quatro vezes foi «internacional»; três contra a Espanha e uma contra a Bélgica. Também foi seleccionado por Lisboa quatro vezes, nos encontros contra Madrid. Ganhou 9 campeonatos nacionais e 8 regionais no salto em comprimento, a sua especialidade preferida, tendo no primeiro ano da sua actividade vencido todos os campeonatos das diversas categorias em que tomou parte.

Além do salto em comprimento, praticou com êxito corridas de estafetas e salto à vara. Foi por várias vezes campeão regional de 4 x 400, 4 x 200 e 4 x 100 metros e recordista nesta última com Núnico, Abrunhosa e Lourenço. No salto à vara, por igual conquistou o título de campeão regional.

Eis a traços largos, alguns dados biográficos do magnífico atleta, que de uma forma clara, honesta e desassombrada, nos confiou as suas impressões acerca dos factos que mais interesse lhe despertaram nos Campeonatos da Europa de 1950.

— Quanto à deslocação que nos diz?

— Fiz uma esplêndida viagem, respondeu-nos com evidente satisfação. A viagem por ar, agradei-me sem reservas, — acrescentou. Durante todo o trajeto mantive ótima disposição, não tendo sentido a menor parcela de nervoso ou medo. A aviação, não resta dúvida, é o transporte ideal para a deslocação dos atletas. Em meu modesto entender, devia

(Continua na página 7)

**BELENENSES**  
PROGRIDE  
É já um "team"!



A velha luta em que os guarda-redes têm geralmente vantagem...



Pinto de Almeida numa jogada extraordinariamente espectacular



O Grupo de honra do Vitória de Setúbal



O ataque do Belenenses desenvolve-se com ímpeto, mas a defesa de Setúbal torna a vida difícil ao grupo das Salésias

COM  
**FARINHA 33**  
um homem vale por três

Carvalho, guarda-redes de Setúbal, antecipa-se e defende por alto



SERÁ CAMPEÃO DA BOLA  
TOMANDO "VITACOLA"

AUTOR DA DISCUTIDA «PARTIDA-LIVRE», REVELA-NOS ALGUNS FACTOS DA SUA GLORIOSA CARREIRA



Xadrezistas, de atenção concentrada no tabuleiro, são intérpretes de uma das maiores organizações escaquísticas realizadas em Portugal

O meio xadrezístico, embalado na tranquillidade do seu «defeso» — e não marasmo, porque a época própria foi bem activa — foi súbitamente sacudido por um facto que há muito se avizinhava: a reacção contra a famigerada Partida Livre — sistema de jogo análogo ao xadrez, aproveitando o seu tabuleiro e peças, e diferindo essencialmente na disposição inicial destas para principiar o jogo. Em lugar do sistema clássico (torres nos cantos, cavalos e bispos a seguir, e

dama e rei ao meio, na primeira linha do tabuleiro, para cada jogador), a colocação inicial das peças é facultativa, restringida por leis próprias no sentido de respeitar a opposição simétrica das «figuras» de ambos os jogadores. O autor desta ideia chama-se José da Costa Moreira. O seu objectivo é evitar a memorização das aberturas.

Costa Moreira é o instrutor de xadrez na F. N. A. T. Matéria prima não lhe falta. Por isso mesmo, a sua qualidade de inventor de um sistema heterodoxo de jogar o xadrez confere-lhe uma situação especial que tem sido apreciada de várias maneiras.

Francisco Lupi foi, cremos, a primeira pessoa que se insurgiu, nas colunas da Imprensa, contra a revolucionária ideia de Costa Moreira. Da controvérsia técnico-jornalística surgiu um rept. Lupi desafiou Moreira para um «match» em 12 partidas, declarando que daria a este 25 % de razão se lhe ganhasse 3 partidas, jogando sob as regras da nova modalidade.

O que se seguiu depois, deve o leitor saber através dos diversos jornais que se interessaram pelo assunto. Quisemos ouvir, por isso, directamente, um dos contendores — logicamente o autor da «Partida Livre».

Costa Moreira accedeu gostosamente ao nosso convite. Quem conhece José da Costa Moreira não se admirará se dissermos que a entrevista redundou numa curiosa narrativa, que encheria algumas páginas da nossa Revista. O dom da palavra é um dos seus atributos mais característicos — e uma das armas mais influentes na defesa e preconização da Partida Livre...

José da Costa Moreira tomou a palavra... e, quase, não mais a largou!

Ouçamos as suas curiosas declarações:

(Continua na página 6)

# ALERTA! ESTORIL É UM PERIGO...



O actual grupo de honra do Estoril Praia



A equipa de honra do Sporting da Covilhã



Luta-se com invulgar energia no campo da Amoreira.

## CLICHÉS

feitos com películas e chapas

## LUMIÈRE

José Girão Gois, ciclo-turista do Estoril Praia, regressa de um raid ao Norte do País, na companhia de um camarada de Belém, e é muito aplaudido



TUDO MAIS BARATO

— TACAS E EMBLEMAS DE TODOS OS CLUBES —

OURO, PRATAS E JOIAS

SÓ NA OURIVESARIA

MIGUEL A. FRAGA, L. DA

LARGO MARTIM MONIZ, LOJA 18 (PAVILHÃO DOS OURIVES)



Eloi e Simonyi disputam uma bola por alto, com vantagem para o homem do Estoril

# O XADREZISTA COSTA MOREIRA...

(Continuação da página 3)

## Costa Moreira ligado intimamente à divulgação do xadrez

— «Aprendi a jogar o Xadrez no Café Monumental, no Porto, em 1929, precisamente.

Havia então poucas pessoas que jogassem o Xadrez. O inquérito feito para organização do G. X. C. Academia, deu como existentes, no Porto, 26 xadrezistas...

Ora essa falta de afeccionados obrigou-me a ensinar as regras do jogo para ler com quem jogava. Recordo-me que o meu primeiro aluno e adversário foi o Dr. Franklin dos Santos, então estudante como eu, e hoje Chefe dos Serviços Mecanográficos dos C. T. T. — A grande dificuldade que nesse tempo havia em arranjar «parceiros» criava no espírito de cada xadrezista — falto por mim — um instinto de proselitismo, que se manifestava, numa, pelo ensino directo, e, noutros, pela propaganda através da imprensa.

Eu entusiasmei-me pelo jogo a tal ponto, que me dediquei aos dois processos de divulgação: esportiva, juntando-lhe ainda outra forma de actuar: a organização de grupos.

— Foi mais ou menos nessa altura que apareceu a Revista «Estratégia», não? — aventámos.

— «Sim, é verdade. Foi até o seu director, o sr. Júlio Vasques — um nome que anda um pouco esquecido, e foi um dos maiores propagandistas do nosso jogo — que me cedeu o material tipográfico para ilustrar as crónicas de Xadrez cuja publicação iniciara, entretanto, em «O Comércio do Porto» e na «Semana Tirsense». Aproveitando o poder divulgador do primeiro, fundei os Grupos de Xadrez das Cafés Academia e Avenida, Instituto Commercial do Porto e Clube Fenianos Portugueses. Esta colectividade abriu cursos para o público, que elevaram o número de 16 sócios-xadrezistas para mais de 150, em menos de três meses.

E Costa Moreira prosseguiu:

«O Instituto Internacional de Línguas Vivas e Comércio criou uma escola de Xadrez, o mesmo sucedendo na Escola Commercial Raúl Doria, nesta, de colaboração com aquele grande propagandista de Xadrez que foi Trajano de Magalhães, há pouco falecido.

Estes três processos de propaganda (ensino directo, crónicas na imprensa e formação de Grupos) não me bastavam. Era preciso pôr à disposição do público material do jogo a preço económico.

Apresentei a ideia à Fábrica dos Bichões Vitória, do Porto, cujo proprietário, também xadrezista, a acolheu favoravelmente.

E Costa Moreira esmiuçou os pormenores desta interessante iniciativa, dizendo:

«O modelo das peças e sistema económico de fabrico foi idealizado pelo professor novagradês Hans Krohn, director do citado Instituto I. L. V. e Comércio e o tabuleiro com as indicações para a notação algebrica, foi desenhado pelo pintor Heitor Vidal.

Pôde assim apresentar-se o conjunto de tabuleiro e peças pelo preço total de 18300 no revendedor, com a intenção de ser vendido ao público por 20300.

— A intenção era boa — comentamos — Mas como lançou no comércio com tão diminuto lucro?

— Sim, foi muito difícil arranjar comerciantes que se contentassem com essa pequena comissão. De maneira que as primeiras casas que venderam o «Xadrez Popular» não foram os bazares, mas sim... as relojarias!

Costa Moreira ri-se do nosso espanto, e explicou simplesmente:

«Nessa altura estava muito relacionado com este ramo de comércio, a que pertenciam o meu Pai e um tio meu.

## Um compasso de espera no desenvolvimento do interesse pelo jogo-ciência

O nosso amável interlocutor continuou, após breve pausa:

«Em 1936 fui nomeado vogal da Federação, em representação do Porto, juntamente com o sr. Júlio Vasques. Nesta qualidade assisti a uma reunião da F. P. X. e fiquei muito desiludido ao verificar a falta do mais importante elemento de propaganda, que é no meu entender, o contacto com o público.

Quando regressei ao Porto, cerca de um ano depois, notei que também ali já

havia tendência para «burocratizar» a difusão do «jogo-ciência». Como não contornasse com tais métodos de trabalho, desinteressei-me e vi desaparecer, pouco a pouco, todos os Grupos de Xadrez do Porto e as secções das várias colectividades onde ele já existia.

A propósito devo dizer que os xadrezistas de Lisboa não são responsáveis por estes métodos, visto que não são consultados há muito tempo, nem sequer para designarem as Direcções dos Grupos de Xadrez de Lisboa e da própria Federação.

E acrescentou com energia: — Os dirigentes actuais mantêm-se abusivamente ao elemento sem se preocuparem com a opinião dos interessados.

## Um movimento de grande propaganda: Os círculos de xadrez da F. N. A. T. e da Mocidade Portuguesa

A actividade xadrezista na F. N. A. T. — prosseguiu Costa Moreira, respondendo a uma nossa pergunta — começou há cerca de dois anos, com a minha visita a alguns Centros de Alegria no Trabalho.

Os primeiros «Círculos de Xadrez corporativo» foram criados nos C. A. T. dos Armazéns Grandela, Federação Nacional dos Produtores de Trigo, C. T. T., D. G. Serviços de Viação, Companhia Carris e Pessoal da F. N. A. T.

A frequência, de início, em qualquer dos «Círculos», era muito pequena, por desconhecimento das regras do jogo. Portanto, o primeiro trabalho foi ensinar-las. Para isso, a F. N. A. T. emprestava tabuleiros e peças e também vendia este material, pelo preço do custo, chegando a conceder prazos de um ano para o respectivo pagamento.

O ensino dos trabalhadores portugueses foi facilitado mesmo àqueles que não possuíam C. A. T., com a abertura da Escola de Xadrez Damião de Odemira. Esta Escola começou por funcionar numa camarata da F. N. A. T. e acabou por se instalar no Palácio da Independência, em regime de colaboração com a «Mocidade Portuguesa».

## O maior torneio de xadrez de todos os tempos em Portugal

A propaganda do Xadrez na F. N. A. T. — continuou Costa Moreira, no mesmo tom de narrativa — culminou em 1950 com uma organização em grande escala: o 1.º Torneio Corporativo de Xadrez.

Colaboraram 22 centros e o número de equipas inscritas foi de 26, englobando 165 jogadores, entre efectivos e suplentes.

Chegaram a funcionar simultaneamente, como V. deve lembrar-se, 39 mesas.

Alguns C. A. T., como o Banco de Portugal — vencedor do torneio — e o Lisgás, apresentaram 3 equipas, e vários outros, duas.

V. ainda não falou na Partida Livre! — notámos entretanto. O objectivo da entrevista não fora ainda sequer tocado!

Com certa relutância, de início, Costa Moreira aceitou todavia o novo rumo da nossa longa conversa.

O voluntarismo xadrezista ia divulgar os vários motivos e razões da «Partida Livre» que originou um dos mais discutidos casos entre os xadrezistas portugueses: o seu encontro com Francisco Lupi.

Essas declarações, do maior interesse, publicamo-las no próximo número.

VASCO SANTOS

## CONSELHOS ÚTEIS SOBRE FUTEBOL

A «Casa Desportos» de Lisboa, publicou agora uma interessante edição «Conselhos úteis sobre Futebol», publicação de fácil consulta e que pelas suas dimensões poderá andar sempre no bolso dos adeptos e daqueles que se interessam pelo jogo.

O livrinho tem um pouco de tudo: história do futebol, ginástica para futebolistas, método de treino, conselhos a árbitros e jogadores, indicações para os enfermeiros-massajistas, e as «Leis do Jogo», actualizadas. Trata-se, pois, de um compêndio de evidente utilidade.



Um esplêndido aspecto do 1.º Torneio Corporativo de Xadrez, organizado por iniciativa de Costa Moreira. O vasto salão das instalações da F. N. A. T. na Rua Vitor Gordon foi pequeno para albergar todos os participantes da prova!

# 2.ª DIVISÃO

## OPERÁRIO afirma-se e CASA PIA oscila O BARREIRENSE é um "desconhecido"

**E** tem prosseguido com toda a regularidade o «Torneio de Apuramentos da A. F. L. Realizou-se na última semana, mais uma jornada à quinta-feira. Eis uma sobreavista de trabalho de que os jogadores talvez se venham a ressentir. Deixemos o problema...

### Nos jogos de quinta-feira...

E as surpresas continuam a acumular-se, formando já uma altura respeitável.

O que surpreende primeiro que tudo, e salta com nitidez à vista, é a derrota sofrida pelo Casa Pia, no seu seio, entre gente amiga, em ambiente próprio, perante um Operário, que antes da prova principal não dera sinal de al! Mas o grupo da Graça entrou no Campeonato na primeira jornada realizada a uma quinta-feira, ganhando e convencendo. No domingo seguinte nova vitória. Concludente sem reticências... E então na quinta-feira última, veio a confirmação plena da sua capacidade: foi a Santo Amaro vencer o grande favorito.

O jogo foi dos melhores até agora realizado. Não exageramos, se dissermos mesmo, que foi o melhor! Viu-se futebol a sério, com trocas rápidas de esférico e de posições, com a bola a morder o solo. Um porteiro, que normalmente anda arrevido das equipas das divisões inferiores. A vitória do Operário foi merecidíssima. O Casa Pia pode lamentar, naquele pontapé de Prates que o poste devolveu, e o remate de Lirio para as nuvens. Mas isso não faz esquecer as oportunidades de que o Operário desfrutou. Vai bem lançado o grupo da Graça!

Na sua equipa, Antero e Alberto continuam a brilhar. Eis dois jogadores, cheios de possibilidades!

E o Casa Pia ainda está a tempo. A equipa tem aliceres! O novo grupo de Peyroteo, o Arroios, alcançou a sua segunda vitória, nitida e indiscutível! O F. Benfica desiludiu. Os seus jogadores praticam um futebol desordenado. Dão a sensação dos artistas impotentes, incapazes de finalizar uma obra. A equipa necessita de ser disciplinada nos seus esforços. O Arroios com muita juventude, aproxima-se a pouco e pouco da verdade. E não é do pé para a mão, que se forma uma equipa. O tempo fará o resto. O «estre» é bom, e a matéria prima não demerere.

Palmeirense e Olivais num encontro muito igual, não passaram do empate. O resultado, 0-0, fez supor ineficácia das linhas avançadas. Isso aconteceu, com um pouco de valor das defesas à mistura. Dois grupos para trabalhar muito.

### Onde está o Barreirense?

A interrogação tem a sua razão de ser. O Barreirense é clube de tradições habituado a voar, voos mais altos e largos. A equipa está ali, inteira. Uma

pedra valiosa a menos, não provoca o descalabro. Tanto mais que está já garantida a transferência de Custódio, do Vitória de Guimarães. O grupo vai recuperar, estamos certos. E a propósito perguntamos: que é feito do irmão de Armando Ferreira, o avançado-centro titular?

O Ginásio do Sul perdeu pela primeira vez. Tinha de ser. O Almada que conta agora, com o «Velhos» e enérgico Teixeira, que veio do Elvas, venceu pela tangente, depois de demonstrar superioridade nitida.

E o Montijo provocou a grande surpresa da jornada semanal: ir vencer a C. U. F., no seu próprio campo. Isto é prova de tomo. E a equipa lá segue, de cabeça levantada, e cheia de fé!

### Nos jogos de domingo:

Resultados da A. F. L.:

F. Benfica, 0 — Casa Pia, 2.  
Operário, 4 — Palmeense, 0.  
Olivais, 1 — Alhandra, 2

O Operário confirmou a sua posição. Conseguiu mais uma vitória, e esta clara, sobre a animosa equipa do Palmeirense. Não merece discussão a justiça do resultado que alcançou. A equipa caminha bem, que continue!

O Casa Pia ganhou fora de casa o que se parece motivo de júbilo. A formação parece querer voltar ao primeiro plano. Possibilidades não lhe faltam, e os seus adeptos anseiam por isso. O jogo Olivais-Alhandra foi interessante de seguir tendo-se travado um duelo animoso que interessou a assistência. O campeonato continua portanto a decorrer com grande interesse e emoção. Que se mantenha.

### No Barreiro

Barreirense, 2 — C. U. F., 0.  
Montijo, 2 — Cova da Piedade, 2.  
Ginásio do Sul, 1 — Seixal, 2.  
Luso, 2 — Almada, 2.

O Barreirense despertou! Tínamos previsto isso mesmo. E o ritmo irá manter-se! Surprende a derrota sofrida no próprio lar, pelo Ginásio do Sul. Os outros resultados normais. Uma pontinha de surpresa talvez, no jogo do Montijo...

A. J. DE FREITAS

com **Lumière**

não há más

FOTOGRAFIAS

# OS CAMPEONATOS EUROPEUS DE ATLETISMO

(Continuação da página 4)

ser o único. Evitam-se as fastidiosas viagens de comboio que deprimem o físico e atacam o moral. Não se perdem qualidades, dada a rapidez, e o atleta pode adaptar-se, sem esforço, em terra estranha, porque não chega deapertado. Falo por experiência própria.

— Já que falor em adaptação, pode informar-nos se a sua foi fácil? — Interrogámos.

A resposta foi dada com vivacidade. — Sim senhor. As instalações eram muitíssimo boas e a comida, que regra geral influi bastante, não me causou a mínima perturbação. Tudo correu pelo melhor, sob este aspecto. Apenas as constantes mudanças de temperatura me fizeram ressentir, embora não tivessem qualquer interferência nas minhas exhibições. Actuei com o maior empenho, com aquela boa vontade e brío que todos conhecem, mas... deixei fugir uma oportunidade, talvez única, de arrancar mais um título, e este maravilhoso não só para mim, como para Portugal. O que tem de ser tem muita força...

Alvaro Dias, pronunciou as últimas frases com vinculada amargura. Sentimos bem latente o desgosto que o invade. Calou-se por instantes, como que a lembrar o sucedido. Aproveitamos o ensejo para o distrair da meditação em que estava mergulhado, perguntando:

— Concretamente e com verdade absoluta, como se passaram as coisas?

— Vou responder-lhe. Antes de entrar em competição, fiz dois treinos sob a orientação do meu competente e dedicado treinador sr. Mário Moniz Pereira, a quem publicamente me confesso agradecido pelo seu carinho e dedicação sempre manifestados e, sobretudo, pelo valioso auxílio que me prestou durante a minha estadia na Bélgica, o que me desvaneceu imenso. Durante esses treinos, presentei o sintoma da rotura que sofri em 1948. Já nos campeonatos nacionais me havia ressentido e daí o não ter obtido melhor classificação. A propósito, devo esclarecer que também muito devo ao massagista do meu clube, sr. Manuel Marques, um grande técnico no seu mister, pelo cuidado que lhe mereceu o meu tratamento, tornando possível as minhas rápidas melhoras.

Continuando, disse: — Fiquei desconfiado de que não poderia esforçar-me ao máximo, mas não desanimei, nem me deixei impressionar pelo facto. Deitei o coração ao largo e com robusta moral, preparei-me para enfrentar as dificuldades da eliminatória. No mais recôndito do meu sentir germinava a esperança de que seria apurado para a final, o que realmente sucedeu. Na eliminatória, calmo e bem disposto, atirei-me com êxito. Ao saber que atingira 7,32 metros fiquei radiante,

como é fácil de supor. Em Lisboa, não conseguira ir além dos 7,20 metros. Bom pronóstico para a final. Porém, os sintomas presentidos nos treinos, confirmaram-se, infelizmente e, no dia decisivo, não pude repetir a proeza. Mesmo os 7 metros já se podem classificar de excelentes, dado o estado em que actuel. Não houve nervos, falta de contacto internacional, tarde infeliz, peso de responsabilidade, como se afirmou em algumas crónicas. Houve apenas inferioridade física. Se não fosse a rotura... Esta a verdade nua e crua.

— Os adversários finalistas eram de facto muito bons?

— Todos se revelaram ótimos executantes, à parte umas ligeiras deficiências técnicas, podendo dizer-se, com justiça, que eram de valor sensivelmente igual. Apresentaram-se em s'formas, consequência de treinos intensíssimos. Quero no entanto destacar dois nomes: Bryngeyrson, o vencedor, e o infeliz Faucher, com categoria suficiente para melhor classificação do que a obtida. A pista, embora batida pela chuva, apresentava-se com piso regular, revelando cuidado no seu tratamento.

— A sua opinião acerca dos seus colegas? — Inquirimos de seguida.

— Posso declarar-lhe que Alcide esteve incompreensivelmente abaixo do seu normal e Paquete foi bastante prejudicado pelo estado da pista que lhe coube, a única que estava completamente encharcada. Caso contrário, tenho a impressão de que chegaria, pelo menos, às meias-finais.

— Quer dizer que os portugueses têm categoria internacional e podem...

— Sim... atalhou Alvaro Dias com vivacidade. Temos atletas capazes de representar o país, sem receio de que façam má figura. É de lastimar que homens como Matos Fernandes, Rui Maia, Aguiar da Câmara e outros não se tenham deslocado. Portugal podia e devia ter enviado uma representação maior. Afirmando, convicto, não haver uma diferença tão exasperada, como querem fazer acreditar, entre alguns portugueses e vários campeões estrangeiros de fama. Haverá diferença sim, mas que não é um abismo! Temos atletas, já com elevado nível técnico, acentuo, que podem competir airoso e condignamente com os de outras nacionalidades.

— Quais os participantes que mais o impressionaram?

— Em primeiro lugar esse formidável Zatopek nos 5.000 e 10.000 metros. Uma maravilha! Um assombro! Depois, Consolini no disco e o veterano Holden na maratona. Impressionante também a atleta holandesa Fanny, simplesmente formidável. Vou citar-lhe, ainda, dois grandes exemplos de desportivismo, que calaram bem fundo na minha alma e que mereciam ser seguidos. A enorme e desbordante ovação dispensada pelo público belga ao fantástico Zatopek, quando da sua brilhantíssima vitória nos 5.000 metros sobre o belga Reiff, um grande adversário, e o gesto brilhantíssimo do islandês Clausen, que na prova de 1.500 metros, última do Decatlo, ao verificar que não tinha possibilidades de ser o triunfador, mesmo ganhando esta corrida, de facto conseguiu com absoluto merecimento, não teve relutância em parar e com um enérgico aperto de mão felicitar o seu grande rival Henrich pela sua brilhante vitória no decatlo, prosseguindo depois em ótimo andamento até à fita de chegada, que cortou em primeiro lugar.

— Eis o que nos disse Alvaro Pires Dias, um dos grandes do atletismo nacional. Os nossos agradecimentos pela gentileza dispensada.

PITTA CASTELEJO

# O NOVO TREINADOR DO F. C. P. EM ACÇÃO



Anthony Vogel, novo treinador do F. C. do Porto, e Armelindo Bentes, professor de ginástica, preparadores do grande clube portuense, no momento de entrar em acção



O treinador Vogel demonstra a Romão e Virgílio como se domina uma bola. O exercício não deixa de interessar o jogador internacional, que sorri bem disposto



Como se faz uma passagem larga — e o treinador inglês exemplifica com mestria...

## BOLAS E BOTAS

Camisolas, Meias, Calções, canteleiras, Jalecos, Calzetões, Paus, Emblemas, Ligaduras, etc., etc. TUDO para FUTEBOL e para todos os Desportos. Não compre sem primeiro verem a qualidade dos nossos Artigos a baixos preços e ainda as facilidades que damos nos pagamentos aos Clubes

BOLAS em cramo desde 220\$00 esc. oficiais

## CASA DESPORTO

RUA DA MADALENA, 196 — LISBOA

## INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO

FUNDADO EM 1925

ESTABELECIMENTO DE ENSINO POR ALVARÁ DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

(EXTERNATO)

INSTALAÇÕES PARA AMBOS OS SEXOS EM EDIFÍCIOS DIFERENTES

(CURSO COMERCIAL) DE HARMONIA COM OS PROGRAMAS OFICIAIS

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

RUA DA PALMA, 164, 1.º — LISBOA TELEF. 28034



O GOLO DE «PENALTI» — Quando aos 12 minutos, Corona avançava, é derrubado. Teixeira marca o «penalti», rasteiro, com o pé esquerdo, e Azevedo está batido apesar de pressentir o caminho que a bola tomava



O GOLO DE FELIX — Martins faz um centro que Félix recolhe, anichando-se a bola nas mãos



As equipas perfilam-se em frente da tribuna de honra. Que irá passar-se?



Félix alivia o seu campo, de cabeça, em estilo impecável. Juca está junto de Rosa, e ambos seguem o lance do jogo internacional

# A VITÓRIA DO SPORTING



Félix e Pacheco lutam, qualquer destes em bom estilo!



A bola encontra-se numa zona perigosa, mas Pacheco Nobre não pode perfurar. O caminho está vedado!



Uma jogada de ataque do Sporting, não consegue Travassos passar. A muralha à sua volta é muito sólida

# FAZ LUME NO CAMPEONATO



Pacheco, que jogou a centro-dianteiro leonino, eleva-se bem e joga de cabeça. Os benfiquenses fazem-lhe um cerco apertado



Atlético promoveu no passado domingo romagens de unidade junto das campas onde repousam alguns pioneiros do Carcavelinhos e do União Lisboa. A fotografia foca o aspecto da romagem à campas de Cándido Porto, no cemitério do Alto de São João. Um resumo de merecida saudade!



Império dos Santos e Félix Bermudez numa fase curiosa dos campeonatos regionais de velocidades, em ciclismo, para independentes



Campeões regionais de velocidade: Repetida, Félix Bermudez e Américo Raposo do Sporting, que conquistaram o título nas respectivas categorias



O grupo de honra do Benfica confraterniza com a Seleção do Bié na partida disputada em Silva Porto. A equipa africana foi derrotada por 1-0



# Stadium *em* COIMBRA

Por A. H. CURADO

## CONVERSANDO...

«Oscar Tellechea, antigo jogador dos Estudantes de La Plata, é, agora, treinador dos Estudantes de Coimbra.»

Huove uma época em que o desporto nacional foi invadido por elevado número de jogadores argentinos.

Não temos dúvidas em afirmar que o nosso futebol muito lucró com a inclusão desses «malabaristas» da bola, em seus grupos representativos.

Lembramo-nos bem de que a introdução do famigerado W. M., em nossos campos, foi iniciada durante a sua permanência em Portugal.

Muitos outros pormenores assimilámos e, ainda hoje, é vulgar ouvir-se dizer que o jogador tal finta como Sbarra, que fulano «dribla» como Tellechea e que aqueloutro tem uma colocação como Tarrío ou Scopelli.

Esta geração de futebolistas oriundos do país dos Fampas que esteve entre nós, já poucos permanecem em terras lusas. Uns abalaram com destino desconhecido, outros para a sua terra natal e poucos por cá ficaram exercendo a sua actividade como treinadores.

Entre estes, é notória a personalidade de Oscar Tellechea, sob todos os pontos de vista.

Em várias pugnas foi nosso adversário e sempre nutrimos, por ele, uma certa admiração, admiração essa, fundamentada na sua extrema correcção em todos os lances de jogo.

Agora, debaixo da sua orientação, mais próximos de seu convívio, foi-nos dado verificar que o nosso conceito não era hipotético.

Verdadeiro «gentleman», com aquele cunho elucidativo de um carácter sóbrio, ele sabe conjugar as atribuições de treinador, orientador e camarada.

Curiosidade e coincidência interessantes: — Tellechea, que se

iniciou nos Estudantes de La Plata, é, agora, treinador dos Estudantes de Coimbra.

O destino manda e os homens obedecem e, eis, o argentino que, no Académico do Porto, no Bele-nenses e Estoril, tantas amizades grangeou pelo seu saber, pela sua simplicidade, agora, à frente de um punhado de rapazes que, certamente, o fazem recordar o seu belo tempo estudantil.

— Sim, porque Tellechea estudou direito!

Seduzido, porém, pelas malhas do profissionalismo desportivo, largou as sebtentas e... ultrapassou a craveira de um jogador vulgar.

Mas, eis, em síntese, o que foi o passado desportivo de Oscar Tellechea, nascido em 1914, na cidade de La Plata, Argentina.

Estudante e com 14 anos, iniciou a sua preparação futebolística, no clube académico Estudantes de La Plata. Cedo subiu à turma principal.

Em 1936, com 22 anos e quando era «caloiro» da Faculdade de Direito, abalou para França, fascinado por horizontes mais vastos e com um precioso contrato com o Sochaux. Um ano se manteve nesta agremiação, na qual se viu galardoado com as honras do título de Campeão Nacional.

Porém, o Sports Réunis de Colmar não deixa que Tellechea renove o compromisso com o seu antigo clube, atraindo-o à sua equipa.

Durante dois anos, o argentino «passeia» a sua habilidade nas redondezas da Alsácia e Lorena, mas...

Estava-se em 1939, no fim deste ano de paz.

A guerra enluta os céus pátrios de Vitor Hugo. Paris deixa de ser a Cidade da Luz.

Tellechea é obrigado a procurar refúgio.

A Espanha não o seduz. Regeita contratos. Portugal é o país escolhido.

E, assim, o Académico do Porto, convoca-o para o seu, então, grupo de profissionais.

Apenas seis meses ali permanece. Dificuldades financeiras do clube, provocam a sua desobriga.

Desce até Lisboa e, no Bele-nenses, durante uma época, e no Estoril, durante dois anos, Tellechea fez gala do seu jogo vistoso.

Em 1943 conhece o Minho. Por lá fica, alinhando pelo Famalicão. Sbarra, convalescente na Guarda, convida-o para treinar o Académico de Viseu.

Tellechea estuda a proposta e localiza-se em terras de Viriato. Jogando e ministrando os seus conhecimentos, Tellechea, faz reviver o futebol, em Viseu. Podemos mesmo afirmar que do nada, ele fez alguma coisa. Coloca o Académico local num plano su-

perior, no Campeonato da II Divisão Nacional.

Surge, então, a oportunidade. A Académica de Coimbra necessita de um treinador.

O nome de Oscar Tellechea é indicado, como competente e com as características convenientes ao meio académico comibreense.

Em 1950 as demarches assentam em bom plano e...

Oçamos, agora, o novo orientador da Briosa. É uma conversa de camaradas, sucinta e naquele tom de pergunta e resposta, duma vulgar entrevista.

— Satisfeito com a vinda para Coimbra, Tellechea?

— Imenso, Curado! — Primeiro porque consegui guindar-me a treinador dum grupo da I Divisão Nacional, segundo, porque gosto muito deste ambiente.

— Por falar em ambiente. Acha que «le» será assim tão nefasto como as más línguas afirmam?

— Há pouco tempo que cá estou, mas julgo que um ambiente formado por pessoas com certo nível de cultura, jamais poderá ser propenso a desafetos e a más compreensões.

— E sobre nós, os jogadores? — Sei compreender-vos e merecer a vossa estima. Não receio as más vontades, porque tendes um ideal e lutais por ele...

— Como prevê a conduta da Académica no Nacional?

— Curado, você, sabe bem que são sempre difíceis os vaticínios. Deixe, porém, que seja franco. Lamento a falta dum campo para treinos. As desinteligências com a Câmara prejudicam o rendimento futuro da equipa, mas... lutaremos contra todas as dificuldades. Uma boa posição havemos de conquistar.

Espero de vós o costumado esforço necessário, e, a compreensão da massa académica.

Que sejamos todos unidos e camaradas...

— Obrigado, Tellechea! Faremos por não desacreditar o bom nome da Briosa, e dar alegria a esse punhado enorme de «Teóricos» que, também, tanto querem à sua Académica.

E, desta maneira, damos por terminado o que, positivamente, não é uma entrevista, mas uns dados biográficos e uma conversa entre um jogador e o treinador do mesmo clube.

A. CURADO

## ATLETISMO

Nas pistas do Estádio Municipal, vão efectuar-se provas de adaptação, organizadas pela Associação de Desportos de Coimbra e destinadas a atletas já qualificados e não qualificados.

A fim de estimular, em Coimbra, a prática do atletismo, ao grupo que apresentar maior número de atletas, ser-lhe-á atribuído um diploma de honra.

Nos Campeonatos Nacionais Corporativos, Coimbra, arrebatoou três títulos máximos.

Renato dos Santos, representando o Comissariado do Desemprego, venceu nas provas de 80 e 300 m., com os tempos de 2,3 e 33,1 s. respectivamente, em primeiras categorias.

Jaime Simões, da casa Herman Bieker, ganhou, em segundas categorias, a prova de lançamento de peso, com 25,16 m.

## Seis Profissionais

FOI uma autêntica bomba. Em comunicado oficial, a Federação Espanhola de Atletismo declarou profissionais os conhecidos corredores internacionais Baldomá, Coll, Sierra, Rojo, Yebrá e Losada, «como consequência de repetidas transgressões ao estatuto do amador», cometidas por estes fillados.

Os comentários da imprensa desportiva do país vizinho a esta inesperada medida de tão extraordinário rigor, são mais severos e críticos do que compreensivos. As faltas oficialmente referidas são de prémios em dinheiro recebidos em corridas de «querremes» nas festas populares aragonesas, mas os castigos surgem, após os fracassos da representação em Bruxelas — onde apenas se deslocou Torres, acompanhado por três dirigentes — e do encontro com a Turquia, tomado segundo a opinião de Marca, um carácter indutivo pouco de aplaudir.

Seja como for, a verdade é que esta medida disciplinar priva a Espanha dos mais representativos elementos na categoria dos corredores de fundo. Vista a distância, sem paixão ou interesse, a enérgica resolução dos federativos espanhóis representa, sem dúvida, afirmação de coragem moral que se não compreende sem fundamentos que a justifiquem. A medida devia estar chela.

Depois dos muito mais clamorosos casos de Nurmi e Ladoumègue, de Gunder Haeg e Andersson, esta espectacular vassourada no atletismo espanhol é um exemplo digno de apontar.

A ponderação deve ter limites e o argumento, invocado por alguns jornais, de que o mal agora assim punido é consequência de vários outros males mais profundos não se nos afigura de considerar. O esforço correctivo por algum lado havia de começar e talvez esta decisão radical leve à ponderação os responsáveis pelos tais outros males, que não são muito difíceis de aperceber. O mesmo comunicado oficial informa haver demissionado da vice-presidência da Federação, o dr. Peres de Pettinto; grande perda para o atletismo espanhol, que fica privado de um orientador competente e dinâmico e apreciável perda também para os portugueses, que vêm desaparecer um amigo sincero, paladino do estreitamento de relações luso-espanhol e a quem se deve a celebração, nestes últimos anos, de todos os encontros oficiais entre atletas dos dois países.

## Aprenda Rádio

No nosso curso por correspondência que lhe oferece ferramentas, Laboratório Portátil e Material de Rádio

e ainda Aulas Práticas na nossa Oficina

Peça folhetos grátis à **RÁDIO ESCOLA**

Apartado 81 — Norte

Sede, Laboratórios e Serviços

Técnicos:

R. Alves Torgo, 103-°E.

LISBOA

# Flagrantes

## UMA QUESTÃO VELHA QUE OS NOVOS TERÃO DE RESOLVER...

**V**OLTOU à primeira fila dos problemas importantes do futebol português o caso da actividade das Associações regionais frente à direcção única da Federação.

Pese embora aos valiosos serviços que a A. F. L. tem prestado ao desenvolvimento do futebol português — a Federação tem razão. Lastimo, apenas, que os dirigentes não tenham sabido encontrar a solução justa e acertada de um problema que nasceu já em 1933, quando da criação dos Campeonatos das Ligas.

O caso não será do conhecimento exacto do grande público que vive, domingo a domingo, as façanhas dos clubes da sua simpatia ou de quantos vivem os Campeonatos de uma forma superficial, uns e outros desatentos aos grandes problemas do futebol que não são do interesse senão daqueles que, efectivamente, têm funções directivas. Mas vale a pena, ainda que de forma sucinta, esclarecer o que motiva o actual conflito.

É bem evidente que anteriormente à aparição dos Campeonatos das Ligas, hoje Campeonatos Nacionais, a Federação Portuguesa só em Maio ou em meados de Junho tomava rédeas do futebol-competição — por alturas da Taça de Portugal. Até aí eram as Associações que geriam o futebol, pela organização dos Campeonatos regionais, até porque, eram estes, que classificavam os clubes para a prova federativa. Nesse período de grande actividade e de grande poder das Associações, estas acumularam força

directiva e, também, arrecadaram receitas valiosas. As Associações de Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal e Faro, exactamente porque eram as mais importantes do ponto de vista do valor dos clubes seus filiados passaram depois a sacrificar grande parte da sua importância e, o que é mais grave, dos seus proventos, quando a Federação passou a tomar muito mais cedo a direcção dos Campeonatos. É que as receitas arrecadadas pelas Associações pela organização dos seus Campeonatos próprios eram infinitamente superiores às que lhes cabem desde 1933 — data em que se deu o acontecimento que cedo ou tarde haveria de aparecer para valorização do futebol português.

Este, em síntese, o problema. Ora, era evidente que desde que assim se colocavam as coisas, a Federação cresceria de valor na mesma medida em que as Associações haveriam de baixar por pouco mais se lhe ter passado a pedir que uma fiscalização meramente escalonada numa hierarquia que convinha à diplomacia da Organização.

Conforme os anos vão passando, o problema vai aparecendo de cada vez com mais agudeza: ao enriquecimento progressivo da Federação corresponderá sempre o empobrecimento também cada vez maior das Associações suas filiadas. É que as Associações vivem uma vida ignorada pela Federação no tocante à organização de provas.

Como há-de ser resolvido o conflito de interesses!

A tese cada vez mais arregaçada no gosto dos dirigentes e do grande público que importa ao desenvolvimento do futebol nacional o maior número de clubes a participar na Primeira Divisão do Campeonato Nacional que são, como é natural, os de maior valor nas Associações mais importantes do País, reboca consigo uma questão que os dirigentes de todos os matizes nunca se esforçaram por ver esclarecida: tal é a definir e, muito pior do que isso, de possibilitar, os meios de vida dessas Associações regio-

nais ora sacrificadas ao desenvolvimento do jogo e à orgânica preferida.

O que está é, provavelmente, um desacerto — desde que se não definam os meios de vida das Associações e se não escolha entre a sua vida e a morte que os espreita.

As Associações regionais referidas, principalmente a essas, porque têm uma vida custosa do ponto de vista financeiro, com grandes responsabilidades já criadas e de que não será fácil alhearem-se sem sobressalto medonho, é urgente que se lhes concedam meios de vida ou, em outra hipótese, que se lhes fixe uma muito mais modesta atribuição — em todos os capítulos. Com a organização que têm e os escassos meios de vida que se lhes concede, creio bem que morrerão sem brilho e sem glória.

Associações regionais como as de Lisboa e Porto que conhecem uma importância excepcional no meio futebolístico nacional, a tal ponto, que bem se lhes pode atribuir todo o valor que bastou para fundar essa colossal organização que é o departamento da Rua da Emenda, ou se transformam e se actualizam — ou morrerão!

A solução não a vejo fácil. Seria necessária muita compreensão para ver que estas Associações regionais cedem definitivamente ante uma organização que se impõe como a mais inteligente e vantajosa. Essas Associações — já se disse há alguns anos! — não são hoje mais do que Delegações da Federação em zonas do País em que são necessárias. E de duas uma: ou são isso mesmo, com as características também de pequenas Associações conduzindo pequenos e desvalorizados campeonatos regionais (do ponto de vista financeiro, claro, que não de menos valor especificamente desportivo!) ou terão os seus dias contados.

Na verdade —, como poderá conciliar-se a tese do aproveitamento do maior número de clubes para o Campeonato Nacional da Primeira Divisão com a das Associações regionais ora queixosas que pretendem ainda um número considerável de domingos para a realização de Campeonatos de via reduzida que lhes servem ao menos para meio conforto de umas finanças cada vez mais exaustas?

Já em tempos foi lembrada a divisão do País em três zonas para o efeito da condução regular das provas que a Federação dirige. Nessa organização, a Associação do Porto, à parte a mudança de nome, teria uma missão bem definida. A Associação de Faro estaria, por igual, incumbida da gerência de tudo quanto ao Sul dissesse respeito. Mas — e a Associação de Lisboa?

Precisamente aquela Associação que mais louros deu ao futebol português de sempre e que tem no seu seio, como filiados, os mais importantes clubes do País, é a que, no momento actual, mais arrisca do que tem. Por isso foi que, há dias, se gerou um conflito que traz azafamados os dirigentes representantes do futebol português.

Se houver vagar e jeito — voltarei a falar do caso em artigo próximo.

MÁRIO SANTOS

## A FESTA DE HOMENAGEM A MANUEL MARQUES

**A** Comissão Executiva da festa de homenagem ao popular «internacional» do Sporting, não se tem poupado a canseiras, a fim de que no dia 5 de Outubro próximo o festival se revista do maior luzimento e Manuel Soares Marques tenha merecida e apoteótica consagração.

No Grémio dos Armasenistas de mercearia, onde o homenageado é funcionário exemplar, constituiu-se uma comissão formada pelos srs. dr. Francisco Cância, José Gorgulho Evangelista, Humberto Santos e Manuel Baltazar, que se propõe adquirir uma valiosa taça para ser disputada em um dos encontros de futebol que faz parte do programa, que já oportunamente anunciamos. Pretende, ainda, esta Comissão envidar os seus melhores esforços no sentido de tornar mais profícua a sua acção, contribuindo de forma eficaz para que o brilhantismo da homenagem ao seu querido colega, transcenda o habitual.

A Fundação G. A. M., a que preside o sr. Humberto Santos, também se associou espontaneamente a tão justíssima homenagem a um dos mais apurados e dignos jogadores de futebol, oferecendo uma taça para ser disputada no mesmo dia.

A procura de bilhetes tem sido enorme, indicio claro de que todos os bons aficionados estarão presentes no Estádio José Alvalade, que será pequeno para conter todos os admiradores do simpático Manecas.

Para conhecimento dos interessados, tornamos público os locais de venda: Sede do Sporting Clube de Portugal, Rua do Passadizo, 86; Barbentia José Lopes Martins, Av. Praia da Vitória, 45; Cervejaria Boeage, Av. da República, 67; Sainho Campo Grande, Campo Grande, 258; Papelaria Gomes & Rodrigues, Rua das Picoas, 32; Casa Peyroteo, Rua Nova do Almada, 51; Livraria Franco, Rua Barros Queiroz, 14; Pastelaria Góndola, Campo Grande, 260; A. B. E. P. Praça dos Restauradores; Tabacaria Rosa, Rua de Santa Justa, 61; Casa da Boa Sorte, Av. Almirante Reis, 2-A; Tabacaria Lumiar, Rua do Lumiar; Sapataria Américo Mendes e J. Santos, Campo Grande, 256; Ourivesaria Pita, Rua da Beneficência, 103-B; e Casa Maml, Rua dos Remédios, 42.

Stadium, terá os seus estimados leitores ao corrente de todas as decisões relacionadas com esta homenagem.

N. R. — Informa-nos a Comissão Executiva que a taça adquirida pela Comissão do G. A. M. foi dado o nome de «Dr. Pedro Mello Gonçalves Guimarães» e será disputada no desfilio «Benfica» Sporting. A taça «Fundação G. A. M.» será atribuída ao vencedor do encontro Atlético-Belenenses. As equipas vencidas serão conferidas, respectivamente, as taças «Maria Emilia da Silva Marques», — nome da filha do homenageado —, e «Filipe dos Santos».

As taças estão expostas na casa AFARI, Rua Augusta.

## LUMIÈRE

= É A PELÍCULA =  
DOS BONS AMADORES

### BICICLETAS



Para homem  
senhora e  
criança

desde 1.070\$00

ARMANDO  
GRESPO & C.ª

116 — Rua do Crucifixo — 124  
Telef. 2 7027 LISBOA

### ESCOLA DE MOTORISTAS

## “António da Escola”

A maior organização do País

dirigida superiormente pelo seu proprietário “António Gabriel Jerónimo”  
(com a assistência técnica do Eng. SETTE PIMENTA)

SEDE:

R. António Maria Baptista, 24

LISBOA

Telefone 42529



SUCURSAIS:

É ora — Trav. do Sertório, 26

MONTE-MOR-O-NOVO

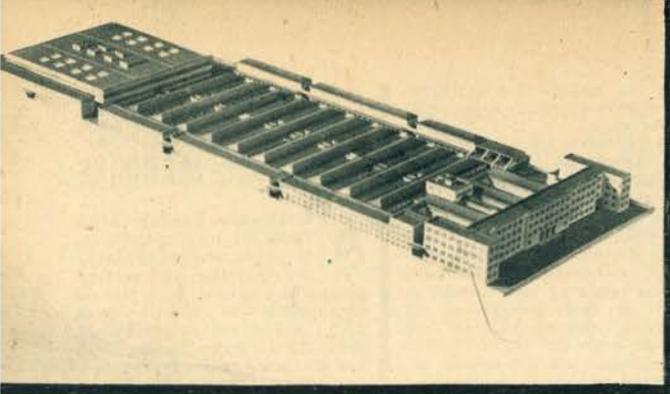
P. da República (Auto-Rádio)

Oficina e Estação de Serviço — Rua Borges Graíña, 15 — Telefone 44725  
(à Rua da Penha de França)

# O CIRCUITO DE MIRAMAR

A PRIMEIRA PROVA PARA CICLOMOTORAS  
REALIZADA EM PORTUGAL

60 voltas totalizando um percurso de 42,720 quilómetros em que o vencedor excedeu a média horária de 44 quilómetros, sem pedalar.



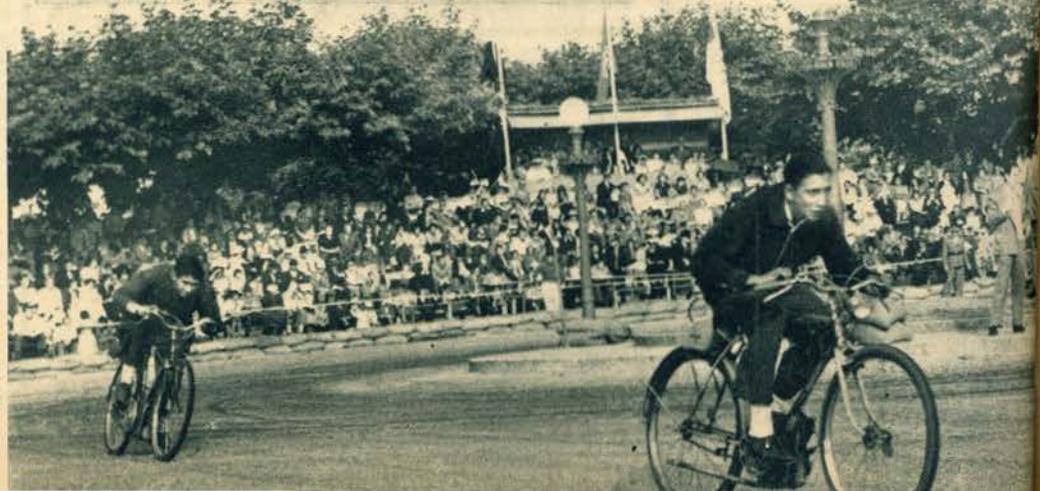
Aspecto geral dos edifícios da grande  
Fábrica Cucciolo-Ducati



Uma das 48 linhas de montagem que permite a saída de uma produção diária de 400 motores Cucciolo



Os irmãos Peixinho numa fase da brilhante prova (Círculo de Miramar) em que obtiveram os 1.º e 2.º lugares da classificação, com 2 voltas de avanço sobre os restantes concorrentes



cializado, uma assistência criteriosa a todos os seus clientes.

Além disso, como nos foi dado observar têm em stock permanentemente todas as peças sobresselentes que compõem os motores, ainda mesmo aquelas que não são susceptíveis de desgaste e cuja substituição só por mero acidente se pode verificar.

Depois de termos ouvido todas as explicações quanto à importância e qualidade dos motores Cucciolo-Ducati e de nos ser divulgada a magnífica orientação das fábricas Ducati e da forma como funcionam em Lisboa os serviços da Micromotor, foi-nos facultada uma experiência. Utilizamos uma das bicicletas equipadas com os motores Cucciolo-Ducati e maravilhou-nos a facilidade que se nos deparou — nós que nunca tínhamos andado de bicicleta! Pois demos duas voltas ao Campo dos Mártires da Pátria, subimos a rua Gomes Freire, gastamos mais umas dezenas de metros e pudemos verificar a comodidade que este transporte ocasional, além da ligeireza de deslocação e da facilíssima maneira de o conduzir.

Encantados com a experiência encontrámos com ela a explicação de, dia após dia, vermos mais bicicletas equipadas com motor Cucciolo-Ducati, ajudando a vencer com economia e comodidade os afazeres da vida, permitindo a deslocação rápida, dentro ou fora da cidade ou utilizando-as quer como motivo agradável de um passeio de fim de semana ou para tornar um Domingo mais alegre e feliz.

L.

A distribuição dos prémios aos dois primeiros classificados

**N**ÃO constituiu para nós surpresa o êxito obtido pelos motores «Cucciolo» para bicicleta na prova de Miramar porquanto já tínhamos tido ocasião de apreciar o seu valor quando da recente Volta a Portugal.

Todo o percurso da Volta foi galgado por três bicicletas equipadas com motores Cucciolo. Vimos subir as mais íngremes rampas sem auxílio dos pedais e ao fim dos dois mil e tal quilómetros não havia a registar uma única avaria.

O interesse que estão despertando as bicicletas equipadas com motores, tanto no estrangeiro como no nosso país — onde já as vemos consecutivamente, quer no meio movimentado do trânsito de Lisboa, quer na estrada ou fazendo as delícias dos que se deslocam para a província, moveu-nos a curiosidade de entrarmos directamente em contacto com as pessoas que trouxeram para Portugal esta novidade.

Fomos por isso deabalada até ao Largo do Mastro, n.º 29 onde se instalou convenientemente a firma Micromotor, concessionária para Portugal e Colónias dos motores Cucciolo-Ducati.

O acolhimento que os gerentes nos fizeram foi deveras simpático e gentilmente nos deram todos os esclarecimentos acerca desta inovação e do entusiasmo que ela despertou no nosso país.

Quanto aos motores, são de fabrico italiano, únicos no mundo, de quatro tempos e válvulas à cabeça, que não obstante a sua pequena cilindrada, 48 c. c., em competição com variadíssimas outras marcas, obtiveram, em 16 de Maio último no autódromo de Monza, os recordes mundiais, oficialmente homologados, de resistência e velocidade em todos os períodos de tempo até 12 horas consecutivas, e, em todas as distâncias até 500 milhas.

As Fábricas DUCATI são as mais importantes de micromotores do mundo, como aliás se poderá constatar pelas fotografias que publicamos e as únicas que fornecem com cada motor um atestado de garantia, e, que, exigem dos seus representantes uma cuidada assistência junto dos possuidores dos motores de seu fabrico.

Assim, a Micromotor Lda. possui excelentes e modelares estações de serviço não só na sua sede mas também em todas as suas numerosas agências espalhadas pelo país, onde é prestada, por pessoal técnico e espe-

# BRAGA ÚNICO VENCEDOR FORA DE CASA



O guarda-redes de Braga defende e evita o cruzamento de Caiado



Carlos faz uma defesa por alto. Velhinho observa



O golo da vitória do Sporting de Braga! Carlos está batido, sem apelo nem agravo

## ACADÉMICA DOMINA ORIENTAL

Uma intervenção enérgica de José Miguel, da Académica

Quase toda a linha de Coimbra está interessada na luta. Oriental em perigo



A equipa do Sporting que em 1939 conquistou o primeiro campeonato de Portugal. Da esquerda para a direita: José Manuel Carneira, Alvaro Rato, Alvaro Lopes, Gastão Silva, Alberto Mendes e Júlio Sanches

## JÚLIO SANCHES

um dos mais antigos praticantes de hóquei em patins, vai abandonar a actividade

**Q**UASE a completar vinte anos de actividade desportiva, Sanches (Júlio Sanches Duarte) vai dar por finda a sua carreira, deixando assim — para sempre — os crinkes de patinagem como praticante; mas continuará, por certo, a treinar — preparando novos elementos para futuras competições do hóquei em patins.

A festa de despedida de Júlio Sanches — jogador que foi dos melhores de Portugal no seu lugar — realiza-se, sábado próximo, nas Caldas da Rainha, com um programa atraente e evocativo. No magnífico recinto do Sporting caldense estarão presentes, numa parada deveras curiosa pelo contraste, novos e velhos: a veteranaria (e alguns, a maior parte mesmo dos elementos que vão às Caldas da Rainha ematar saudades), já se retiraram há muito tempo) aliada à juventude — numa compila que só pode proporcionar motivos de interesse. Sobre tudo para os jovens...

Quatro equipas antigas figuram no programa da festa. E duas delas criaram fama: a do Benfica (1938) e a do Sporting (1939) — respectivamente, campeões lisboeta e nacional, naquelas épocas já distantes. As outras são as que disputaram o I Porto-Lisboa, a 1 de Agosto de 1941, partida, essa ganha pelos lisboetas por 5-2. Há ainda outro desafio de hóquei entre as turmas principais da Académica da Amadora e do Sporting das Caldas — nas quais, evidentemente, alinham os «homens de hoje». Em patinagem artística, exibem-se duas das mais ruidosas esperanças na modalidade: Maria Virginia de Aguiar Santos (Académica) — que é a «Rainha do Patim — 1950» e Maria Elvira de Sousa Braga (Óquei C. P.) — a primeira colectividade que o festejado representou.

O programa completo do festival de sábado, nas Caldas da Rainha, está assim elaborado: I. Jogo Académica da Amadora-Sporting das Caldas; II. Jogo Benfica (1938) — Sporting (1939); III. Jogo (evocação) entre as equipas que tomaram parte no I Porto-Lisboa (1941). Arbitragem de Américo Bombert, Frederico Peyssonnet e Mário Gonçalo (aquele, também, dois velhos e um novo). Patinagem artística, nos intervalos, pelas cidadãs Maria Elvira e Maria Virginia. Os campeões de Lisboa de 1938 apresentam: Eduardo Rainho, Santos Nunes, Leote Quintino, Germano Magalhães, Leonel Costa e Tavares Pina. Pelos primeiros campeões de Portugal — que foi o Sporting de 1939 — jogarão: Gastão Silva, Alvaro Lopes, Alvaro Rato, Júlio Sanches, Alberto Mendes e José Manuel Carneira. As turmas que disputaram o I Porto-Lisboa (há nove anos) foram formadas por: Fernando Adrião, António Bernardino, Sidónio Serpa, Olivério Serpa, Jesus Correia e Júlio Sanches (Lisboa); António Seixas, António Soares, Manuel Soares, António Ribeiro, Armando Veloso e Luis Aragão.

Todos os jogadores referidos prometem o seu concurso à excepção, claro, de dois: Adrião, que se encontra em Lourenço Marques, substituído agora pelo seu primeiro suplente, Rui Pedrosa;

e Seixas, que está há bastante tempo doente e terá, também, um substituto condigno.

### Uma carreira brilhante

Júlio Sanches — que havia de vir a ser jogador de nomeada — começou bastante cedo a sua carreira desportiva: no Óquei Clube, o velho grémio de Sete Rios, mas como futebolista infantil! Tinha então 15 anos... Só mais tarde é que o hóquei em campo o seduziu — tendo representado sempre, nesta modalidade, o H. C. Portugal. Conheceu os seus primeiros triunfos como campeão de Lisboa de hóquei em campo (2.ª categoria, primeiramente, e depois três vezes seguidas na reserva). Foi este o princípio de uma actividade que havia de ser bem repartida e brilhante. Só a partir de 1934 se interessou pelo hóquei em patins — mas, de então para cá, tem tido acção efectiva e permanente da melhor, reparo como praticante e, mais tarde, repartindo-a pela situação de treinador. Deve ter sido até quem maior número de equipas treinou...

A estreia de Sanches no hóquei patinado (em grupo de honra) verificou-se numa partida internacional: contra os franceses do Biarritz, a primeira equipa estrangeira que veio a Portugal, há quase 16 anos. Depois... Depois, não tem conta, os desafios oficiais e particulares em que tomou parte: primeiro (até 1936 no hóquei em patins e até 1941 no hóquei em campo) pelo H. C. de Portugal; depois, representando o Sporting, por onde conquistou o seu único título de campeão nacional (1939); mais tarde, quando os eleições abandonaram a prática da modalidade — a propósito: para quando o regresso? — Sanches foi parar ao Futebol Benfica e, depois, ao Benfica, a Académica da Amadora e, por último, ao Sporting das Caldas, conta no seu activo três seleções: I Lisboa-Trieste (1939) e I e II Porto-Lisboa (1941). Mas nunca foi internacional! Esteve, contudo, a um fio de o ser... em 1936, quando do I Campeonato do Mundo, disputado na Alemanha (Estugarda); e dois anos mais tarde, apesar de ter sido convocado para os treinos, nos quais prestou boas provas, também não teve a sorte de ir ao estrangeiro — desta vez a Bélgica (Antuérpia).

Na sua época de ciros — desde 1935 a 39) Sanches viu sempre o seu caminho barrado por Leonel — mas este (recordam-se ainda do excelente e inidivélvel jogador do Benfica?) era, sem dúvida alguma, um «homem de temperamento», de uma classe aparte, extraordinária, cuja maneira especialíssima e muito pessoal de agir ainda não vimos imitada. Não admira, pois, que — enquanto não apareceu um Jesus Correia, mais novo, cheio de foga e de pletórico de juventude — ele se deixasse ultrapassar... Sanches, contudo, foi o mais directo rival de Leonel; e se, há 12 anos foi preterido por Mendes, seu companheiro de clube no Sporting, deve-o a si próprio, pois não soube esgarar o lugar.

(Continua na página 14)

# FUTEBOL

Os últimos encontros internacionais da temporada, entre a Noruega e a Finlândia, de um lado, e a Sudestslávia e a Dinamarca, do outro, evidenciaram, a supremacia dos primeiros.

Os noruegueses, jogando em casa, no estádio de Ullevoll (Oslo), derrotaram os finlandeses por 4-1 e produziram excelente impressão; os compatriotas do Marechal Tito, em Copenhague, dominaram os dinamarqueses por 4-1, com evidente facilidade.

★ Em Sarrebruck (Alsácia) o Hungária S. C. derrotou o clube local do mesmo nome, pela diferença mínima.

★ Rouen, Metz e Lyon vão na frente da classificação do campeonato de França (2.ª divisão).

Os rouenenses ainda não perderam uma só vez, enquanto que os seus companheiros têm um empate.

Na Divisão de Honra, Rennes e o Racing C. de Paris, encontram-se a par, sem derrotas nem encontros nulos, seguidos de Lille, Estrasburgo e Sète.

# ATLETISMO

A França e a Grã-Bretanha disputaram, mais outra vez, o encontro anual de desportos atléticos, em Colômbes.

A luta foi severa, acabando os franceses por perder pelo resultado de 160 a 99. Entre outros resultados apreciáveis, registamos os tempos de Mac Donald Bailey, nos 200 metros (20,9 seg.), de El Mabrouk, nos 1.500 (3 m. 49,8 seg.), de Mimoun, nos 5.000 metros (14 m. 35,8 seg.) e de Marie, nos 110 metros-barreiras (14,6).

O salto em altura foi brilhantemente ganho por Thiam Pappa Gallo, um senegalez, com 2,02, falhando por pouco 2,04, que igualava o recorde da Europa.

O Inglês Douglas também foi um bom triunfador no arremesso do martelo, com 54,39 metros, e Savidge lançou o peso a 15,69 m.

★ O infatigável Zatopek, durante os campeonatos Internacionais da Roménia, percorreu a légua no bom tempo de 14 m. 39, 4, numa pista amolecida e pouco favorável. O lançador húngaro de martelo, Nemeth, atirou o engenho a 58,73 metros, sendo este o melhor resultado da reunião.

★ Em Gävle (Suécia) o meio-fundista Bengtsson ganhou a corrida de 800 metros no ótimo tempo de 1 m. 50,5 seg.; Berglund atirou o dardo a 71,33 m.; Mac Kenley, recordista mundial de 400 metros venceu esta distância em 46,4 seg. e Lundberg transpôs com a vara 4,36 m.

★ Em Norrköping efectuou-se um torneio atlético de carácter internacional. O jaima-quino Mac Donald Bailey triunfou nos 100 metros, em 10,3, e nos 200, em 21,1; Mac Kenley venceu os 400, em 46,6 seg. e Eriksson ganhou os 1.500 em 3 m. 51,4 seg.

## na vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

### NOTA DA SEMANA

**RAYMOND SOMMER**, porta-estandarte do automobilismo francês e sucessor de Jean-Pierre Wimille, falecido em Buenos-Aires, desapareceu do número dos vitros de maneira igualmente trágica, ao disputar, em Cadours, uma prova regional de limitada importância.

Assim, em menos de dois anos, a França perde os dois pilotos mais representativos. E, em ambos os casos, a fatalidade mostrou-se avara, conforme as circunstâncias no-lo demonstram: Wimille preferiu jogar a vida, no intuito de salvar o publico argentino, imprevidente, que se dispôs a cruzar a pista; Sommer chocou com uma árvore isolada, quando rodava a mais de 130 quilómetros à hora.

A paixão pelos desportos mecânicos não se alimenta de ilusões mas de vidas. O sudário de vítimas era proporcionalmente assustador, antes de 1939, e agora continua no mesmo ritmo e o entusiasmo popular, longe de diminuir, aumenta em ritmo acelerado.

Têm-se invocado, com maior ou menor ingenuidade, as dificuldades materiais, atribuindo-lhes o papel de causadoras de acidentes porém a acusação é injusta. E' bom lembrar que o progresso da mecânica automobilística se manifesta em tom crescente, enquanto que o elemento humano estaciona ou retrograda, e que é essa divergência de possibilidades a causa determinante de muitos desastres.

A morte de Raymond Sommer pôs termo a uma carreira preenchida de belos triunfos. Victorioso, em 1935, do Grande-Prêmio de Comminges; do Grande-Prêmio do A. C. F. e das 24 horas de Spa, em 1936; de iguais trofeus em Turim e Marselha, em 1937; de Ramparts, em 1939; de Marselha, em 1946; de Turim; em 1947; de Genebra, em 1948; de Léman, em 1949 e da Suíça, no corrente ano, também foi campeão de França, em 1937, 1939, 1946 e se-lo-ia ainda, caso vivesse.

A' longa lista do martirologio do automóvel, que ainda há pouco ceifou o ás italiano Aquiles Varzi e o sulço Christian Kautz, juntou-se agora o deste simpático e destemido volante francês.

O actual lançador do peso e disco inglês, John Savidge é um grande cultor do gracejo e, quando pode, cria situações de um cômico irresistível.

O incidente de que vamos fazer eco passou-se em 1949, mas só agora foi revelado, para evitar susceptibilidades feridas. Em Setembro do ano findo disputaram-se, em Bordéus, os campeonatos militares europeus, mas a Suíça não enviou nenhum participante, pois a força armada daquele país alpino é pouco numerosa em tempo de paz.

Savidge não ignorava, porém, duas coisas: Primeiro, que o italiano Tosi, seu rival no arremesso do peso e do disco, pertence à guarda militar do Presidente da República Italiana; segundo, que a Suíça não participava nos campeonatos, pelas razões atrás aludidas.

Decidiu, pois, lançar maliciosamente uma suspeita e fé-lo com a ingenuidade de um menino de coro: Preguntou se os helvéticos seriam em grande número, numa assembleia de vários dirigentes estrangeiros.

Recebeu a resposta, natural, de os sulços não estarem inscritos e logo observou que Tosi era um «suíço» da guarda do Vaticano! Uns sorriram, ante o engano, mas outros acorreram a protestar junto do general Chassin, presidente da Direcção Geral dos Desportos, do Ministério da Guerra, francês, dando origem a uma troca de telegramas entre o Vaticano e a França, com o qual o incidente depressa se esclareceu.

Pode calcular-se a satisfação do loiro britânico, quando soube da confusão ridícula a que havia dado origem. Simultaneamente, riu-se da pressa de certos dirigentes, ansiosos por afastarem o atleta transalpino, rival de grandíssimo valor.

E, como bom filósofo, soube dizer que tudo aquilo foi uma bela lição, que ficará de memória por algum tempo.

Na verdade, acontece com frequência assistir a pequenas manobras entre bastidores, destinadas ao enfraquecimento de rivais e adversários perigosos, quando melhor seria tratar da preparação dos próprios.

Para essa gente, apressada e alviçareira, o malicioso Savidge pode figurar como um instrumento punitivo do Destino.

RAFAEL BARRADAS

# JÚLIO SANCHES

(Co Anuiação da página 13)

agarrando a preciosa oportunidade... conforme mais convinha! Depois disso — a sua estrela principiou a eclipsar-se; e, entretanto, surgira no firmamento do óquei português um novo astro de rutilante esplendor: Jesus Correia.

Como jogador de futebol — seu primeiro desporto — o festejado de sábado próximo alinhou por várias equipas (infantil, reserva e honra) nomeadamente nas seguintes: Óquei C. P., Barreirense, Albandra, Carcavelinhos, Fósforos, Olivais, Sporting e Futebol Benfica! Foi também — além de campeão nacional e de Lisboa de óquei em patins — campeão de Lisboa de óquei em campo e de ténis de mesa (1941) sempre colectivamente. Disputou o I campeonato bancário de esgrima de espada (4.º lugar individual) e treinou vários grupos de óquei em patins, destacando-se, como principal, os do Colégio Militar, H. C. Sintra, Escola do Exército (campeão universitário) e Sporting das Caldas — onde ainda desempenha essas funções.

Eis, a traços largos, a carreira desportiva de Júlio Sanches — que no sábado, à noite, no «rink» de patinagem das Caldas da Rainha, vai ter a sua festa de homenagem e de despedida, uma consagração pública justíssima, por méritos comprovados através de duas décadas de labor intenso. Que merece, aliás, todo o apoio e o melhor êxito — já pela obra construtiva feita nos clubes cujas turmas treinou, já porque soube servir o desporto com dedicação, legando aos novos um exemplo que gostaríamos de ver seguido e continuado.

JORGE MONTEIRO

## DESPORTISTAS

BOLAS para todas as modalidades desportivas, bolas para futebol e andebol, joelheiras, caneleiras, pés elásticos, raquetes para ténis, patins da melhor procedência, todo o material para óquei em patins, e para todos os desportos

Representante da mais importante fabrica Norte-Americana, THE DRAYPER MAYNARD & C

**A. M. SILVA**

Rua da Betesga, 67

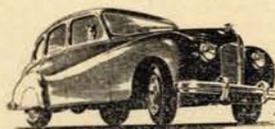
L I S B O A

Telefones 3 1313 e 3 1314

Precisa dum carro ?

Compre um **AUSTIN**

que compra bem



AUSTIN A 70

Distribuidores gerais:

**J. J. Gonçalves Sucrs.**

LISBOA — PORTO

Agentes em todos os Distritos.

## O NOVO TREINADOR DO F. C. DO PORTO

As nossas críticas, ou notícias, são muitas vezes trazidas a público com algum atraso. Naturalíssimo. Por isso mesmo, quando no último número dissemos que ainda não havia chegado o treinador Vogel, verificou-se um desses casos. Vogel, tinha feito a sua apresentação na sede do F. C. do Porto horas antes.

Temos entre nós, portanto, o novo técnico do F. C. do Porto, que já tomou contacto com os seus pupilos, Vogel, segundo quem o viu trabalhar, no Campo da Constituição, sabe muito de futebol e sabe ensinar. A despeito da sua idade, cincuenta anos e tal, o sr. Vogel corre como os jovens e mostra-se dedicado e útil.

Acreditamos, portanto, nos bons esforços do sr. Vogel. Segundo a crítica, o treinador húngaro, vindo da Inglaterra, tem um nome acreditado no futebol do seu país. Não sabemos, nesta altura, que sistemas usa, mas é de aceitar a defesa de métodos ingleses, os mais seguidos também no nosso país.

O que importa, por agora, é que os elementos do F. C. do Porto se recomponham e se apurem tanto quanto possível. A equipa, e os novos atletas recebidos pelo clube, estão necessitados de preparação, de muita preparação, e só um treinador competente e assíduo poderá contribuir para a desejada melhoria.

Será Vogel, por certo, quem fará o possível por congruar valores, dando unidade a todos, valorizando as pedras que ingressaram recentemente no conjunto da Constituição. Se todos quiserem interessar-se, na verdade, talvez o grupo portuense venha a dar boa conta de si no campeonato presente.

Pois que seja assim. O F. C. do Porto faz muita falta no campeonato. Uma boa equipa sua, resolverá muitos problemas.

## Ortopédia Moderna

Prótese Ortopédica



Pernas e braços artificiais, Cintas modernas, Pés e meias elásticas, Fundas e palmilhas para pé chato, etc.

Direcção técnica de: Mecânicos Ortopedistas Especializados

Travessa da Glória, 28 junto à Avenida da Liberdade

Telef. 31610

# na capital NORTE

## ONDE ESTÁ A COERÊNCIA?

**G**ASTÃO — jogar pelo Sporting I Pronto — caso arrumado! Mas caso arrumado — porquê? Porque o jogador Gastão está doente; porque só pode viver em Lisboa, porque declara ser-lhe impossível estar longe da família...

Isto é curioso, em boa verdade. Se o sistema pegasse, parecer-nos que será facilimo, de ora avante, preparar uma transferência. Até mesmo a de Pedroto! Sim, até mesmo essa... Bastará dizer, garantir, que determinado elemento não se dá bem com os ares desta ou daquela terra. Acusar a sua nostalgia. O seu grande amor pela sua região, por todos os seus familiares...

Tudo se tornará simples, natural e... regulamentar! Não se tratará de uma habilidade, nem de subtrair um elemento a determinadas fileiras. Que vos parece a «história»?

Gastão deu-se no Porto muito tempo, mesmo bem. O ano passado começou a dar-se mal... Mas voltou, porque o próprio pai o entendeu. Mas, muito naturalmente, pensou mais uma vez na vida do moço, coisa respeitável, e cá estamos de novo a considerar que o simpático rapaz tem de jogar pelo Sporting! Dá-se mal no Porto...

Em nosso entender, porém, o caso pode prestar-se à promoção de transferências deste mesmo género. Pois se é tão simples... Transferência de emprego — impossível. Vida militar — o mesmo. Questão de estudos — também não. Logo, se alguma coisa mais pode servir, justificar a sua saída do F. C. Porto, aceitemos a solução e não se falará mais nisso...

Oxalá, entretanto, que Travassos, ou Vasques, ou outro elemento da sua admirável classe, deixem dentro de pouco tempo de se dar com os ares de Lisboa. Cá estaremos para os receber com os braços abertos e para garantir que só o ambiente nortenho serve à manutenção da sua saúde...

E se nós todos achássemos que seria bem melhor dizer tudo em palavras claras, evitando confusões, aborrecimentos e a dureza da critica? Não parece aos leitores que o espectáculo seria mais humano, por não dar margem a confusões de qualquer natureza?

Claro que o F. C. de Porto, na defesa dos seus interesses, vigiará a solução do assunto, e deve reclamar junto de quem de direito, caso se verifiquem incoerências. Daqui não há que fugir, queiram ou não queiram os elementos interessados na transferência. E que sempre será bom, ao fim e ao cabo, justificar devidamente estas mudanças. A não ser assim, afinal, cairemos num uso e costume perigosos. Tudo poderá servir para... mudar de camisola!

Será melhor ir prevenindo...

## Um trabalho que surpreende e agrada

Tomou posse, como se sabe, a nova Comissão Administrativa do F. C. do Porto, e numa altura em que havia certo alarme e desorientação nas fileiras azuis brancas. A falta de jogadores, era evidente. Quase aflitiva. Elementos novos — nada. A nova Comissão Administrativa, porém, deitou-se a um trabalho surpreendente, activo, de certo modo agradável para a vida do primeiro clube do Norte.

Tudo entra no caminho da normalidade, e sabe-se até que alguns novos valorosos foram recrutados com todo o proveito para o conjunto azul branco. Um elemento de Fafe e outro de Angola, devem ter tomado compromisso com o Porto, dizendo-nos quem anda bem informado que isso pôde dar-se nas melhores condições.

Do valor dos novos jogadores também se fala com entusiasmo. Vimos jogar apenas Hernani, contra o Estoril Praia. Bem, não há dúvida alguma. Ao rapaz falta apenas fisico. É frágil, e precisa com certeza de muita gi-

nástica. Mas também é muito novo — 19 anos apenas. Logo, ou por esforço de Armelino Bentes, ou do treinador Vogel, ou dele próprio, podemos estar em presença de um jogador de largo futuro.

O elemento de Fafe assinou a ficha, segundo informações que nos chegam. É um dos componentes da numerosa família Barros — dinastia curiosa de bons jogadores. Oxalá este os não deixe ficar mal. O F. C. do Porto, se ele se fixar por lá, bem precisa disso...

## Curiosidades...

Confirma-se que o Leixões pretende levar por diante o seu propósito de reaver determinado jogador. Achamos bem... — depois do que se passou com Pedroto...

● Alguns elementos que estavam para ser dispensados pelo F. C. do Porto, ficaram de novo. É o caso de José Lino.

● Vários jornais, desportivos e não desportivos, deram Gomes da Costa como tendo alinhado já pelo Académico, no domingo último. Alinhou, de facto, um «Gomes da Costa», mas de épocas feitas no clube do Lima. Até à altura em que escrevemos, o Gomes da Costa do F. C. Porto, prestes a ser médico, ainda não compareceu.

● O clube da Constituição segue com muito cuidado a situação criada por Gastão. Veremos no que dá tudo isto.

● Alfredo, que havia assinado a sua ficha há semanas, compareceu recentemente aos treinos, no Campo da Constituição. Este facto causou o maior contentamento na nossa associativa dos campeões nortenhos.

● A derrota do Boavista, em Lisboa, não era esperada. Com este volume, evidentemente. Desejamos que tão expressivo número não amoleça o espirito da rapaziada do Bessa.

● Os árbitros do Porto não simpatizam com a modalidade escolhida pela Comissão Central. O «segredo» que envolve a sua escolha para os jogos do campeonato não lhes agrada.

● Continua a curiosidade em volta do grupo amador do Académico. Dará resultado? Não dará? Os académistas mais distintos confiam no êxito da modalidade escolhida.

● Fala-se insistentemente na construção de uma piscina nesta cidade. Nisto se fala há muitos anos, evidentemente, e por isso custa a acreditar que seja verdade...

● A entrada de Nelito Barros, de Fafe, e de Hernani, de Agueda, no F. C. do Porto, agradou aos amigos do clube azul branco. Louva-se o trabalho da Comissão Administrativa, de facto decidida nesta emergência difícil.

● Já começou a preparação dos nossos jogadores de andebol. O Portugal-Espanha, realizar-se, interessa a muitos atletas portuenses.

● Foi adiado o Porto-Galiza em atletismo. O costume, afinal...

## RÁDIO CONTRÔLE

LABORATÓRIOS DE RADIOELECTROTECNIA

(ARMANDO S. FERREIRA)

ESPECIALISTAS NA INDÚSTRIA RADIOELÉCTRICA

Reparações — Construções — Montagens

Receptores — Equipamentos sonoros — Intercomunicadores

Emissores — Electromedicina — Autorádio

RUA DR. SOUSA MARRINS, 35-35

Telefone 41752 — LISBOA

EM GUIMARÃES

# VITÓRIA 2-F. C. PORTO 2



Num canto contra o Porto, Virgílio intervém



Rebello desarma Vieira



A luta desenvolve-se com entusiasmo próximo das balizas de Guimarães

## OLHÃO vence!

### Académico 1 - Salgueiros 1



Na grande área do Académico, um defesa antepõe-se a dois adversários...



Os algarvios atacaram com grande ímpeto e vigor. Gama, guarda-redes suplente do Atlético, desenvolveu trabalho esforçado



Baptista observa o mergulho malabarista do seu guarda-redes



Joaquim Costa, Aniceto Bruno e Amândio Cardoso, do F. C. do Porto, equipa vencedora do campeonato nacional de clubes

### NATAÇÃO NO PORTO



As provas de natação organizadas pelo clube Fluvial portuense decorreram e foram disputadas por um grupo numeroso de concorrentes

### AUTOMOBILISMO



No Casino Estoril inaugurou-se a Exposição de Automóveis, tendo em vista a apresentação dos modelos mais recentes, no ponto de vista de elegância e de desporto.



A equipa do Orfeão da Madalena, à esquerda, e a do Juventude, que representarão o Porto no próximo Campeonato Nacional de Voleibol a disputar na Póvoa do Varzim

